

Entre variação, ensino e categorias da experiência: a língua em múltiplas frentes

Os doze artigos reunidos neste volume compõem um painel vivo da pesquisa linguística contemporânea, em que descrição empírica, elaboração teórica e inquietações pedagógicas se entrelaçam. Em comum, está um gesto insistente de voltar à língua em uso, não como objeto estático, mas como prática em curso, atravessada por formas, categorias e modos de dizer que se atualizam no cotidiano. Ao percorrer diferentes objetos e perspectivas, os trabalhos aqui apresentados desenham um campo em permanente deslocamento, atento tanto às engrenagens da língua quanto às maneiras pelas quais significamos – e nos significamos – no mundo.

Em “Preservação da lateral pós-vocálica no sudoeste do Paraná”, Eduarda Rocha Borghelott, Susiele Machry da Silva e Luciene Bassols Brisolará acompanham de perto a vida de um som aparentemente discreto – o “l” no fim das sílabas – e mostram que, no sudoeste do Paraná, ele ainda resiste com força na sua forma plena, como em sal e alto. Mais do que registrar um traço fonético, o estudo revela um padrão consistente: a lateral se mantém como escolha predominante na comunidade, contrariando a tendência mais ampla do português brasileiro, em que esse som frequentemente se transforma em semivogal.

Ao mesmo tempo, deixam ver que essa estabilidade não é imóvel. A análise evidencia que variantes como a vocalização e, em menor medida, o rotacismo e a velarização, aparecem de modo seletivo, associadas a perfis sociais específicos – sobretudo entre falantes mais jovens, no caso da vocalização, e entre mais velhos, no caso do rotacismo. Desenha-se, assim, um quadro dinâmico, em que conservação e mudança coexistem.

O que emerge, no fim, é o retrato de uma comunidade linguística em equilíbrio delicado: de um lado, a força da tradição, ancorada na história social e no contato linguístico da região; de outro, sinais de deslocamento que anunciam possíveis mudanças em curso. A língua, ali, não apenas se mantém; ela negocia, a cada fala, o que fica e o que começa a mudar.

No texto “A leitura de textos científicos na escola como acesso à cidadania”, Guilherme Brambila sustenta que a leitura de textos científicos, desde a escola básica, deve ser concebida como uma prática formadora de cidadania. Não se trata apenas de compreender informações, mas de formar leitores capazes de situar os textos em seus contextos de produção e, sobretudo, de mobilizar o que leem para agir no mundo. O autor observa que as atividades didáticas costumam privilegiar a compreensão e a análise, mas ainda exploram pouco o potencial de engajamento que esses textos oferecem. Diante disso, propõe uma reorientação do trabalho com a leitura, de modo que ela articule letramento científico e participação social, aproximando o conhecimento científico das experiências concretas dos alunos e contribuindo para sua formação crítica e emancipatória.

O artigo “Português brasileiro falado, abordagem multissistêmica e aspecto verbal”, de Ataliba Teixeira de Castilho, apresenta o aspecto verbal como uma forma de dar corpo à experiência do tempo na linguagem, mostrando que, no português, ele não se reduz a uma marca isolada, mas emerge da articulação de diferentes elementos da língua. Ao aproximá-lo da categoria cognitiva de movimento, propõe que, ao falar, o sujeito apreende o desenrolar das ações – distinguindo o que dura, o que se completa e o que se repete – por meio de recursos que atuam em conjunto. O aspecto, assim, deixa de ser apenas uma categoria gramatical e passa a ser entendido como um modo de organizar e significar a experiência.

Mudada a perspectiva para a morfologia e a formação de palavras, Carlos Alexandre Vitorio Gonçalves, Luciano Mendonça Junior, Lalia Souza e Sarina Santos, em “Do e-social ao G4: primeiras notas sobre o uso de letras morfológicas no português do Brasil”, descrevem o uso crescente de letras na criação lexical do português contemporâneo.

Com base em dados coletados sobretudo na internet, os autores mostram que elementos como *e-*, *i-*, *x-*, *z-* e *o ’s* passam a funcionar como unidades morfológicas produtivas, recorrentes e com valor semântico identificável, comportando-se, em muitos casos, de modo semelhante a prefixos ou formativos. Argumentam que essas “letras morfológicas” se organizam a partir de três fontes principais – empréstimo do inglês, abreviação e analogia –, evidenciando que o português brasileiro não apenas incorpora formas externas, mas também desenvolve esquemas próprios de formação de palavras. O estudo, de caráter descritivo, oferece assim um retrato preciso de um léxico em expansão, sensível à inovação e ao uso.

Rafael Leandro Götz, Ubiratã Kickhöfel Alves e Gabriela Peretti Wagner, no artigo “A influência das funções executivas na produção de *liaison* por brasileiros em contexto de instrução”, investigam o papel da memória de trabalho e do controle inibitório no desempenho de aprendizes brasileiros de francês diante do fenômeno da *liaison*. Com base em um estudo quase-experimental, analisam a produção antes e depois de uma intervenção com instrução explícita, relacionando os resultados a medidas dessas funções executivas. Embora não tenham sido encontradas correlações estatisticamente significativas entre os fatores cognitivos e o desempenho, os dados indicam melhora nos índices de acuidade após a instrução. O estudo, de caráter exploratório, aponta assim para a relevância da instrução explícita no desenvolvimento fonético-fonológico e para a necessidade de investigações futuras que articulem cognição e ensino de línguas.

A perspectiva sociolinguística e histórico-cultural também se faz presente neste número da *Revista do GEL* no artigo “Complexidade linguística no Caribe: prolegômenos a um conceito de Caribe criouli-francófono” de Dieumette Jean. O texto apresenta uma reflexão crítica sobre as formas de nomear o espaço caribenho, problematizando a denominação tradicional “Caribe francófono” e evidenciando suas limitações diante da complexidade etnolinguística da região.

A partir de uma abordagem que articula história, língua e cultura, o artigo percorre as origens do termo “Caribe”, discute a insuficiência das classificações baseadas apenas em línguas coloniais e propõe o conceito de “Caribe criouli-francófono”, mais abrangente e adequado para dar conta das dinâmicas de criouliização e da centralidade das línguas crioulas nas práticas sociais e identitárias da região.

Na sequência, em “Língua e luta de classes: um olhar sobre o *dread talk*”, Marcos Vinícius Martim e Daniel Nascimento e Silva analisam o *dread talk* como uma prática linguística marcada por posicionamentos ideológicos e por disputas de sentido. Os autores mostram que, mais do que um modo de falar, trata-se de uma forma de reconfigurar a língua, produzindo deslocamentos semânticos e afirmando identidades em contextos de desigualdade. Nesse quadro, a linguagem aparece como espaço de conflito e de resistência, evidenciando sua implicação nas dinâmicas sociais e nas relações de poder.

No que diz respeito aos estudos de aspecto verbal e das categorias aspectuais no português, temos o artigo “Aspectos do aspecto: revisitando a discussão sobre os morfemas aspectuais do português”, de Maurício Resende. O trabalho retoma uma questão clássica da descrição gramatical para revê-la sob nova luz. Ao revisar o estatuto dos chamados morfemas aspectuais, mostra que

o aspecto não pode ser pensado como uma marca isolada ou rigidamente categorizável, mas como um fenômeno que emerge da articulação de diferentes recursos da língua. Nesse movimento, desloca-se o olhar de uma perspectiva mais segmentada para uma visão integrada, em que formas, contextos e valores aspectuais se constroem em conjunto. O resultado é uma leitura mais fina e dinâmica do aspecto, entendido não apenas como categoria gramatical, mas como modo de organizar a experiência temporal no discurso.

A perspectiva enunciativa, ancorada na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), também se faz presente neste número da *Revista do GEL* no artigo “Entre o Espaço, o Tempo e o Modo: as operações linguísticas da preposição σ ”, de Elizabeth Gonçalves Lima Rocha. O texto revisa criticamente abordagens tradicionais e cognitivistas e propõe que a descrição das preposições articule variação de uso e invariância semântica.

Nesse sentido, mostra que a preposição σ não se reduz a um marcador de localização, mas atua como operador de discernimento, modificando o modo de apreensão dos termos com que se relaciona. Ao analisar diferentes ocorrências, o artigo evidencia que seu funcionamento introduz uma dimensão qualitativa e relacional, contribuindo para uma compreensão mais integrada das preposições no português brasileiro.

Em “A ortografia no ensino médio no prisma da complexidade”, Midian Araújo Santos, José de Pinho e Karylleila dos Santos Andrade Kingler revisitam o ensino da ortografia ao deslocá-lo de uma perspectiva normativa e mecanicista para uma abordagem orientada pela Complexidade.

Nesse enquadramento, mostram que a ortografia não pode ser reduzida à memorização de regras, mas deve ser compreendida como um sistema dinâmico, atravessado por fatores linguísticos, cognitivos e sociais que se articulam de forma não linear. Ao propor um ensino mais reflexivo e integrado, o artigo evidencia a necessidade de considerar a língua em funcionamento, favorecendo práticas pedagógicas que promovam a compreensão dos princípios que organizam o sistema ortográfico e sua inserção nas práticas de uso.

No penúltimo artigo deste tomo, “Horizonte ideológico, discurso alheio e polêmica no livro-manifesto de Zacarias de Góis e Vasconcelos”, Rafael Schneider e Sheila Vieira de Camargo Grillo examinam a arquitetura discursiva do texto à luz de categorias da tradição bakhtiniana.

Ao focalizar a presença do discurso alheio e a constituição de um horizonte ideológico marcado pela polêmica, os autores mostram que o livro-manifesto se organiza como espaço de confronto entre vozes, no qual dizer é, ao mesmo tempo, responder e posicionar-se. Nesse movimento, evidenciam que o discurso não apenas reflete disputas já dadas, mas as rearticula, configurando-se como lugar privilegiado de produção de sentidos e de embate ideológico.

No término da sequência de artigos, há um segundo trabalho sobre atitudes linguísticas: “Percepções linguísticas sobre o ensino de línguas e variação linguística presentes no discurso de pedagogas da escola Santa Luzia – Acre” de Marinete Rodrigues da Silva, José Mauro Souza Uchôa e Maria Clissia de Souza Valeiko. O artigo discute as crenças e atitudes linguísticas de professoras da educação básica, examinando de que modo tais percepções – ancoradas em valores sociais, culturais e escolares – orientam suas práticas pedagógicas e seus julgamentos sobre as variedades do português. A partir de dados empíricos obtidos por meio de testes de crenças e atitudes, evidencia-se a persistência de uma tensão: de um lado, a valorização da norma padrão como índice de prestígio, competência e ascensão social; de outro, sinais de reconhecimento da legitimidade das variedades não padrão, ainda que frequentemente subordinadas no espaço escolar.

Os doze trabalhos que compõem este volume – organizados em ordem alfabética pelo sobrenome do autor (ou do primeiro autor) – dão a ver, de modo eloquente, a amplitude e a densidade das investigações atuais sobre a linguagem. Ao mobilizarem distintos recortes, referenciais teóricos e gestos analíticos, esses estudos não apenas refletem, mas também renovam linhas de pesquisa que atravessam a história editorial da *Revista do GEL* ao longo de seus vinte e dois volumes já publicados.

Mais do que reunir contribuições, este conjunto instaura um espaço de interlocução: coloca em circulação problemas, tensiona perspectivas e amplia o alcance das discussões no campo. Com isso, busca-se não apenas trazer pesquisas significativas à baila, mas também fomentar o debate acadêmico, iluminar novas trilhas interpretativas e dar visibilidade a movimentos recentes da pesquisa linguística.

Reitero, por fim, meu agradecimento à Letraria e a toda a sua equipe, a Milton Bortoleto, pelo cuidadoso trabalho editorial, bem como aos autores e pareceristas, cujo empenho sustenta e qualifica este projeto científico coletivo.

Que os textos aqui reunidos encontrem leitores atentos e críticos, e que possam, sobretudo, provocar novas perguntas, deslocar certezas e alimentar o movimento contínuo da reflexão acadêmica.

Marcelo Módolo¹, Editor da *Revista do GEL*.

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil;
modolo@usp.br; <https://orcid.org/0000-0001-5808-9368>